



Na ponta do lápis

Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro

Ano 1
Número 2
Agosto/Setembro
2005



No túnel do tempo

Os mais velhos contam e as crianças escrevem histórias.

SUMÁRIO



ENTREVISTA

“Uma experiência humanizadora”,
com a professora Ecléa Bosi

2

RECADADO DO LEITOR

4

QUESTÃO DE GÊNERO

Ana Lima escreve sobre o
texto de memórias

5



PÁGINA LITERÁRIA

“Uma definitiva presença”,
texto de Bartolomeu Campos de Queirós

6

ESPECIAL

“Crianças escutam memórias e
aprendem história”

Conceição Cabrini

8



ONDE ESTÁ O FUTURO

“Crianças do Brasil mantêm viva nossa
memória”

10

DE OLHO NA PRÁTICA

12



REPORTAGEM

“Lembranças que viram história”

14

TIRANDO DE LETRA

16

HISTÓRIA DE ALMANAQUE

“Foi assim”

18

O QUE VEM POR AÍ

19



TEXTO VENCEDOR

“Da lamparina à luz elétrica”

20

COISAS DE ALMANAQUE

21



Iniciativa

Fundação Itaú Social

Realização

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

Coordenação

Sonia Madi

Equipe de edição

Luiz Henrique Gurgel (edição de texto e
consultoria)

Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Leitura crítica

Anna Helena Altenfelder
Maria Estela Bergamin
Marta Wolak Grosbaum

Revisão

Simone Zaccarias

Edição de arte

Eva Paraguassú de Arruda Câmara
José Ramos Néto
Camilo de Arruda Câmara Ramos

Ilustrações

Suppa
Criss de Paulo

Colaboradores

Edileuza Alves Santana, Elizamar de Castro Trajano
do Nascimento, Ivani Alencar, Maria Antonieta
Rizzotti Oliveira, Marina Brant de Carvalho Martins,
Tathiane Fernandes Tudda.

Fontes consultadas

O lugar mítico da memória – Cláudia Cerqueira do
Rosário (Morpheus, 2002)

*São Paulo de Piratininga: de pouso de tropas a
metrópole* – O Estado de São Paulo
(Terceiro Nome, 2003)

Se bem me lembro – Memórias – Anna Helena
Altenfelder e Regina Andrade Clara (2004)

Portos de Passagem – João Wanderley Geraldi
(Martins Fontes, 1991)

Revista da Folha – SP-450 – Edição Especial
(25/01/2004)

*Amigos da Escola – Com vocês as Artes – A arte é
de todos* (Cenpec)

Propaganda brasileira – Francisco Gracioso e
J.Roberto Whitaker Penteadado (São Paulo: Mauro
Ivan Marketing Editorial, 2004)

Convite à Filosofia – Marilena Chauí (São Paulo,
Ática, 1994)

Agradecimentos

Memorial da Propaganda do Mercado Central de
Fortaleza – CE

Escola superior de Propaganda e Marketing ESPM

Contato com a redação

Rua Dante Carraro,68 – São Paulo – SP
CEP 05422-060 – Telefone: 0800-7719310

E-mail: programaescrevendofuturo@cenpec.org.br





Editorial

Reter e guardar o tempo

Em recente artigo publicado na revista científica *Nature*, uma das mais prestigiadas do mundo, cientistas norte-americanos divulgaram que para cada lembrança específica de um ser humano, é possível que exista um neurônio responsável por ela. Como cada um de nós tem bilhões dessas minúsculas células no cérebro, talvez isso explique nossa capacidade de armazenar uma infinidade de lembranças.

E o tema principal da segunda edição do *Na ponta do lápis* é a criação de textos de memória. Crianças de todo o Brasil recolheram histórias, descobriram antigas novidades e as mantiveram vivas por meio dos textos que elaboraram. Dessa maneira, fizeram aquilo que é a própria definição de memória, segundo a professora Marilena Chauí: “a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi para salvá-lo da perda total”.

Propondo aos professores o trabalho com esse gênero de texto, o Programa Escrevendo o Futuro quer aliar práticas de ensino da escrita a ações que estimulem a cidadania e a identidade com o local em que se vive. “É uma ação humanizadora”, nos disse Ecléa Bosí, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e especialista em narrativas de memória, em entrevista especial publicada nesta edição. Outro convidado que trata do tema é o escritor Bartolomeu Campos Queirós, que escreveu história exclusiva para a *Página Literária*, seção das mais apreciadas por nossos leitores.

E para os professores que desejarem trabalhar com seus alunos esse gênero de texto, as seções *De olho na Prática* e *Tirando de Letra* trazem indicações e orientações de especialistas com base nas produções dos estudantes para o Programa Escrevendo o Futuro.

Também queremos agradecer às dezenas de cartas recebidas, parabenizando-nos pelo lançamento do almanaque e indicando novos conteúdos que serão pensados pela equipe. Esse intercâmbio com os leitores é a razão de ser da publicação. Continuem enviando suas sugestões, impressões e experiências.

A todos um bom trabalho e boa leitura.

Uma Mensagem do Cenpec

A valorização da memória como ferramenta de trabalho não propõe a volta a um passado cristalizado e acabado, muito menos constitui uma tentativa de priorizar costumes, tradições e valores de outros tempos.

A articulação do passado e do presente por meio da memória de sujeitos anônimos, protagonistas de um mundo que nos diz respeito, pretende criar um diálogo em que costumes e valores que fazem parte de nossa história sejam reconhecidos como integrantes da trajetória pessoal de cada um. Trata-se de viver em um espaço de pertencimento, de sentir-se enraizado, apropriando-se da herança das gerações anteriores, de modo a reelaborá-la.

É um olhar diferente sobre nossa realidade, relacionado a um passado que nos diz respeito, e que permite destacar tempos distintos e culturas diversas convivendo, muitas vezes, no mesmo espaço. São manifestações vivas, de raízes profundas, diretamente ligadas aos múltiplos modos de ser hoje.

Maria Alice Setubal

Presidente do Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Cultural e Ação Comunitária

ENTREVISTA ECLÉA BOSI

“Uma experiência humanizadora”

Assim a professora Ecléa Bosi, do Instituto de Psicologia da USP, define as atividades de crianças com histórias e memórias de idosos. Ela é autora, entre outros, de *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, um dos mais importantes trabalhos sobre o gênero, incluído pelo Ministério da Educação entre as cem obras sobre o Brasil que devem compor as Bibliotecas Escolares Públicas. Desde menina sempre gostou de ler e escutar histórias. Traduziu autores como Leopardi, Ungaretti, Garcia Lorca e Rosalia de Castro. Ela chama atenção para o compromisso que se assume com alguém quando escutamos e registramos sua história de vida: “o escutador torna-se responsável eticamente pela narrativa e pelo narrador, não pode abandoná-lo”. Atualmente coordena o programa Universidade Aberta à Terceira Idade, na mesma USP. Em sua sala, no Instituto de Psicologia, recebeu nossa equipe para a entrevista.



Como foi seu envolvimento com a pesquisa de memória?

Quando eu era criança havia uma invasão menor da mídia dentro das casas, pouca televisão. A grande distração da criança, além das brincadeiras de rua, era escutar histórias dos pais e avós. Caminhávamos muito em São Paulo. Eu morava perto da rua Oscar Freire e estudava nos Campos Elíseos, ia e voltava a pé. Nessas caminhadas, meus companheirinhos pediam que eu contasse histórias, para abreviar o tempo. Quando escrevi *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, uma tese defendida em 1978, começou em toda parte uma onda de pesquisas sobre memória e esses pesquisadores diziam haver se inspirado nesse trabalho. Penso que a inspiração veio para mim e para os outros pesquisadores da necessidade de um encontro com o passado mais próximo de nosso tempo.

Como pensar a história a partir da memória de velhos?

A memória de velhos é diferente da história oficial. Os depoimentos são cheios de lacunas, diferentes da história que se lê nos livros. Você ouve um depoimento de alguém que assistiu a um desastre, a narrativa

dessa testemunha é uma narrativa em que há susto, emoção. Ainda que não seja perfeitamente objetiva, traz alguma coisa profundamente verdadeira: a emoção que o desastre desencadeou e que atravessa a narrativa. Em 1910, o cometa Halley atravessou o céu de São Paulo. Entrevistei pessoas da época e ouvi maneiras diferentes de falar da passagem do cometa. Qual a verdadeira? Não nos cabe dizer. Uma das entrevistadas, a dona Rizoleta, me disse “Ah! O cometa Halley. Eu vi sim, foi no

grande em São Paulo, que só essa narrativa ingênua de uma pessoa iletrada, embora sábia como dona Rizoleta, pudesse dar idéia do que tenha sido.

Qual a função social da memória? De que forma o trabalho com a memória pode colaborar para o enfrentamento dos problemas atuais?

Depoimentos que você colhe não são para serem arquivados. Todo depoimento existe para transformar a cidade em que ele floresceu.

Escutar uma narrativa desencadeia em você, ouvinte, compromisso com o narrador. Mais ainda, um compromisso com a própria cidade em que a narrativa floresceu. Você é responsável. Por exemplo, no meu caso, eu entrevisto pessoas muito idosas e sensíveis às transformações urbanas. Isso desencadeia um compromisso com o plano diretor da cidade. Em

uma pesquisa que fiz, verifiquei, por exemplo, que a maioria dos idosos acidentados na seção de ortopedia do Hospital das Clínicas de São Paulo não era um caso de médico, mas caso de advogado, por causa das calçadas da cidade, das casas populares mal construídas...

“ Escutar uma narrativa desencadeia em você, ouvinte, compromisso com o narrador. Mais ainda, um compromisso com a própria cidade em que a narrativa floresceu. Você é responsável. ”

dia em que o Papa morreu e a terra tremeu.” Sabe-se que nem o Papa tinha morrido, nem a terra tremido. Acontece que nenhuma outra narrativa mostra a emoção que se sentiu, pessoas se atiraram do viaduto achando que era o fim do mundo, houve uma convulsão social tão

Todas as entrevistas e depoimentos são aproveitados? Que critérios a senhora usa para selecionar os melhores depoimentos?

Não, nem todos são aproveitados. Ou por falhas técnicas ou acidentes biográficos do idoso, que não pode continuar. Não existe uma narrativa que seja completa. Em certo momento o ouvinte pára e o narrador pára, mas a história continua tanto na cabeça do ouvinte como na cabeça do narrador. A história se completa em nós mesmos e para você registrar uma história de vida seria preciso um escutador infinito. Todos os depoimentos são bons e merecem o mesmo respeito. Eles não são motivos de nostalgia, mas de luta para quem merece escutá-los.

Que sugestões e conselhos a senhora daria aos professores que estão trabalhando o gênero memórias?

Essa pergunta me foi feita tantas e tantas vezes, que eu escrevi no livro *O tempo vivo da memória* um capítulo sobre isso. O estudioso da memória deve ser uma pessoa preparada para isso, não basta que conheça metodologia de pesquisa. Ele precisa compreender o depoimento como um trabalho do idoso, ele não pode registrar sem que o idoso tenha conhecimento da narrativa. Por mais simples que seja, esse idoso tem o direito de reler aquilo que falou e ver se está de acordo. É uma questão ética. Entre todos os conselhos de método que eu dou, o mais importante é a responsabilidade pelo outro, porque dada a natureza da pessoa idosa que faz o depoimento


sobre a sua vida, para ela é um ato de amizade; e o escutador tem que responder a esse ato de amizade com outro ato de amizade. Ele se torna responsável eticamente pela narrativa e é um pesquisador diferente dos outros porque também se torna responsável pelo narrador e não pode abandoná-lo, ele tem de visi-

“Fazer com que a criança procure o tio idoso, o avô, o velho de asilo que ninguém mais visita e que se sente banido, é uma experiência humanizadora.”

tá-lo. Estamos recebendo um alento da pessoa, as horas, seu tempo de vida, ela está nos dando uma coisa preciosíssima. Somos tão responsáveis por ela quanto um amigo é responsável pelo outro.

No Programa Escrevendo o Futuro as crianças são pesquisadores da memória e, orientadas por seus professores, procuram os idosos em suas comunidades, ouvem suas histórias e as reescrevem. Que importância a senhora vê nisso? Como avalia esse tipo de trabalho?

Eu acho que as crianças estão praticando a verdadeira cultura que é a inserção do passado no presente, as pesquisas das crianças são

mais humanizadoras. Eu me lembro de uma pesquisa maravilhosa feita pela atriz Lélia Abramo (1911 – 2003). Ela trabalhou na Secretaria de Cultura de São Paulo com a prefeita Luiza Erundina. Foi às escolas públicas municipais e pediu que as crianças falassem sobre seus avós. Eu li as produções. Esse trabalho mostra o cerne do problema social do idoso, embora contado por crianças muito novas. É uma situação que se reproduz nos lares. Deseja-se que o idoso ajude a lavar louça, a tomar conta dos pequenos, faça trabalhos por vezes pesados. Mas se ele quiser dar um conselho para um adolescente sobre comportamento, a escola, a educação e o uso do tempo do neto, ele é convidado a se calar. Do idoso se deseja o braço servil, mas não o conselho. Ele tem experiência, tem memória, discernimento e tudo o que é necessário para dar um conselho. Por isso fazer com que a criança procure o tio idoso, o avô, o velho de asilo que ninguém mais visita e que se sente banido, é uma experiência humanizadora. Embora se fale muito dos direitos da terceira idade, o que acontece é que nós vivemos na época do descartável, do consumo e tal época não é favorável ao oferecimento da memória, da experiência. Fazer com que a criança se volte precocemente para a história oral contada pelos mais velhos é uma experiência das mais importantes. É uma valorização pública do idoso. 

Entrevistadores: Luiz Henrique Gurgel, Maria Antonieta de Oliveira e Cida Laginestra.



Entre as obras de Ecléa Bosi estão *Velhos amigos*, *O tempo vivo da memória* e *Memória e sociedade*.



Ecléa Bosi e o marido Alfredo Bosi

RECADO DO LEITOR



Gerando frutos

“Desde que conheci o material pedagógico do *Programa Escrevendo o Futuro*, aprendi uma nova metodologia nas aulas de produção textual. Leciono na 5ª e 6ª séries e desenvolvo um trabalho com textos narrativos, em que as histórias produzidas em sala de aula serão organizadas para a edição do nosso primeiro livro de histórias infantis.”

*Aucielly de Sousa Melo
Pombal (PB)*

A experiência dos alunos

“O almanaque vai orientar os professores no trabalho com a escrita em sala de aula. Todas as seções são interessantes, mas sugiro uma seção em que os alunos participantes do concurso pudessem relatar suas experiências na elaboração de texto.”

*Iran dir Gomes Paiva
Fortaleza (CE)*

Viagem pelo conhecimento

“Quando fui convidada a representar os professores de meu município no lançamento do *Programa Escrevendo o Futuro*, nem imaginava que naquele momento começaria uma “nova viagem” em minha vida como educadora. O programa me proporcionou e continua proporcionando uma viagem pelo caminho do conhecimento e como dizem meus alunos: “Uma viagem só de ida...”

*Juliana Barbosa Cassimiro
São Roque (SP)*

Mestres e aprendizes

“Vocês nos deixaram muito com que pensar. Nos deram, também, a tarefa de colaboradores. Vocês já imaginaram os aprendizes ensinando com os mestres? É bárbaro! Sintome honrada de ter sido convidada a dar sugestões no almanaque. Estou à vontade para sugerir e o farei com carinho.”

*Silvia Modesto de Oliveira
Camocim (CE)*

Carta Enigmática

N +



- rinho



- de



- p



+ sa



- v
+ h



- p
+ r



RESPOSTA NA PÁGINA 21.

VOCÊ SABIA?

Para evitar o calote, inventaram o selo

Na Inglaterra, antes da criação dos selos, os mensageiros que levavam as correspondências em longas viagens a cavalo ou carroça deveriam ser pagos pelos que recebiam as mensagens. Muitas vezes os destinatários negavam-se a pagá-los. Com os selos garantia-se o pagamento antecipado.



Primeiro selo postal, emitido na Inglaterra em 6 de maio de 1840, todo preto, com o valor de 1 penny e a efígie da rainha Vitória.

Cartas trazem opinião e novos leitores

Os leitores que preencheram e enviaram as cartas-resposta à redação elegeram a seção *Página Literária* como a melhor da publicação. Em seguida ficaram *Questão de Gênero* e *Tirando de Letra*.

Os educadores também indicaram professores amigos que, a partir de agora, passarão a receber as novas edições do almanaque. Se você também deseja opinar, fazer comentários e indicar outro professor para receber o *Na ponta do lápis*, basta preencher a carta-resposta, encartada nesta edição, dobrar, colar e pôr no correio, sem precisar pagar a postagem.



ESCREVA PARA NÓS:
RUA DANTE CARRARO, 68
CEP 05422-060
SÃO PAULO-SP

E A SUA CARTA? DO QUE VAI FALAR?

QUESTÃO DE GÊNERO

O gênero Memórias

Ana Lima*

Etimologicamente, ‘recordar’ vem de re + cordis (coração), significando, literalmente, “trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, tenha ficado esquecido em algum lugar da memória”. Podemos dizer que, em linhas gerais, é exatamente essa a função de um texto do gênero Memórias.

Um texto de memórias objetiva resgatar um passado, a partir das lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse passado. Ele representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são evocadas e repassadas para uma outra, dando assim continuidade ao fio da História, que é de ambas; porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence.

É esse resgate das lembranças de pessoas mais velhas passadas continuamente às gerações mais novas, por meio de palavras e gestos, que liga os moradores de um lugar. O fato de entender que a história de alguém mais velho é nossa própria história desperta um sentimento de pertencer a determinado lugar e a certa época, e ajuda a aumentar a percepção de um passado que foi realmente vivido e não está morto nem enterrado.



Alguém que almeje escrever um texto de memórias tem uma árdua tarefa pela frente: identificar pessoa(s) que possa(m) realmente contribuir para a elaboração do texto, com suas lembranças; realizar uma entrevista com essa(s) pessoa(s); selecionar e organizar as informações relevantes coletadas e, finalmente, escrever o texto.

Não podemos contudo esquecer que a entrevista é um gênero da modalidade oral da língua, e, se foi gravada, certamente apresentará várias marcas da oralidade. O escritor de memórias deve estar ciente disso, e seu trabalho será transformar aquele texto oral em texto escrito. Além disso, precisa atentar para algumas características específicas desse gênero, que devem ser atendidas. O escritor, por exemplo, deve assumir a voz da pessoa entrevistada, ou seja, o texto deve ser em primeira pessoa. Não se trata de um simples relato do que ouviu na entrevista, e sim de uma reinterpretação, que deve resultar em um texto de natureza literária, narrativo em sua maior parte.



Ademais, em nenhum momento se pode perder de vista que há um leitor curioso para conhecer o passado, de modo que o texto deve ser escrito com criatividade, de tal maneira que esse leitor se sinta envolvido por ele.

Alguns elementos normalmente presentes nos textos de memórias são as comparações entre passado e presente, a presença de palavras e expressões que transportam o leitor para uma certa época do passado (“antigamente”, “naquele tempo”, etc.), referência a objetos, lugares e modos de vida do passado, descrições (se couberem) de lugares ou pessoas e explicação do sentido de certas expressões antigas ou de palavras em desuso.

Enfim, cabe ao escritor das memórias posicionar-se como um pesquisador que busca recuperar a memória coletiva de sua cidade, e, por meio do seu texto, possibilitar que os leitores “tragam para o coração” um passado que, mesmo não tendo sido vivido por eles, foi decisivo para que sejam o que são atualmente.



* Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco



Digna de uma deusa

Protetora das artes e da história, musa da poesia épica, Mnemosyne era a deusa da memória para os gregos, a que conferia imortalidade aos mortais. Ela dava aos poetas o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. O humano que tivesse registrado em obras a fisionomia, os gestos, os feitos e as palavras nunca seria esquecido, pois ao tornar-se memorável não morreria jamais.

5



“No contexto mítico, recordar significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno em contraposição à nossa experiência ordinária do tempo como algo que passa, que escapa e que se perde. A recordação, como resgate do tempo, confere imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irreversível sem esta re-atualização.”

Cláudia Cerqueira do Rosário (trecho de *O lugar mítico da memória*, publicado na revista *Morpheus*, 2002)

Nas lembranças do premiado escritor Bartolomeu Campos de Queirós, ficou marcada a figura da professora que lia histórias para ele e seus colegas numa escola do interior de Minas Gerais.



O escritor aos sete anos

Uma definitiva presença

Bartolomeu Campos de Queirós

6

Ela entrava na escola abraçando os nossos cadernos “Avante”. (A sala tinha cheiro de roupa lavada. Tudo limpo como água de mina e o mundo ficava mudo para escutá-la. Sobre a sua mesa pousava uma jarra sempre com flores do mato que os alunos colhiam pelo caminho). Ao abraçar os cadernos era como se a professora me apertasse sobre seu coração, me perdoadando, com antecedência, os meus erros e acertos. Eu ainda não lia ou escrevia de “carreirinha”. Mas seu olhar foi o meu primeiro livro! Ela me acariciava com seus olhos e derramava sobre mim uma luz mansa de luar, capaz de alvejar meu desejo obscuro de aprender. Seus olhos me permitiam a liberdade. Sua presença inteira me trazia uma paz azul e uma certeza de que o futuro era possível.

É que Dona Maria Campos levava nossas composições, ditados, cópias, para corrigir em casa. Eu morria de inveja do meu caderno por saber que ele conhecia onde a professora vivia. Seu lápis, metade azul e metade vermelho, bordava em nossos trabalhos as notas que iam de 0 a 10. E trazia sempre uma observação: “muito bom”, “parabéns”, “ótimo”, “mais atenção”, “é preciso estudar mais”. Eu recebia meu caderno com o coração descontrolado. Parecia que uma borboleta tinha vindo morar em meu peito. Tinha medo de não corresponder aos seus ensinamentos. Não queria que a professora deixasse de me amar.

E como Dona Maria Campos sabia! Para tudo ela tinha uma resposta ou uma outra pergunta na ponta da língua. Dava aulas como se estivesse recitando uma poesia feita de água, névoa ou nuvem. Eu achava minha professora mais bonita que os poemas. E não era difícil decorar os versos e repeti-los depois, no escuro do meu quarto. Guardava tudo de cor sem esforço.

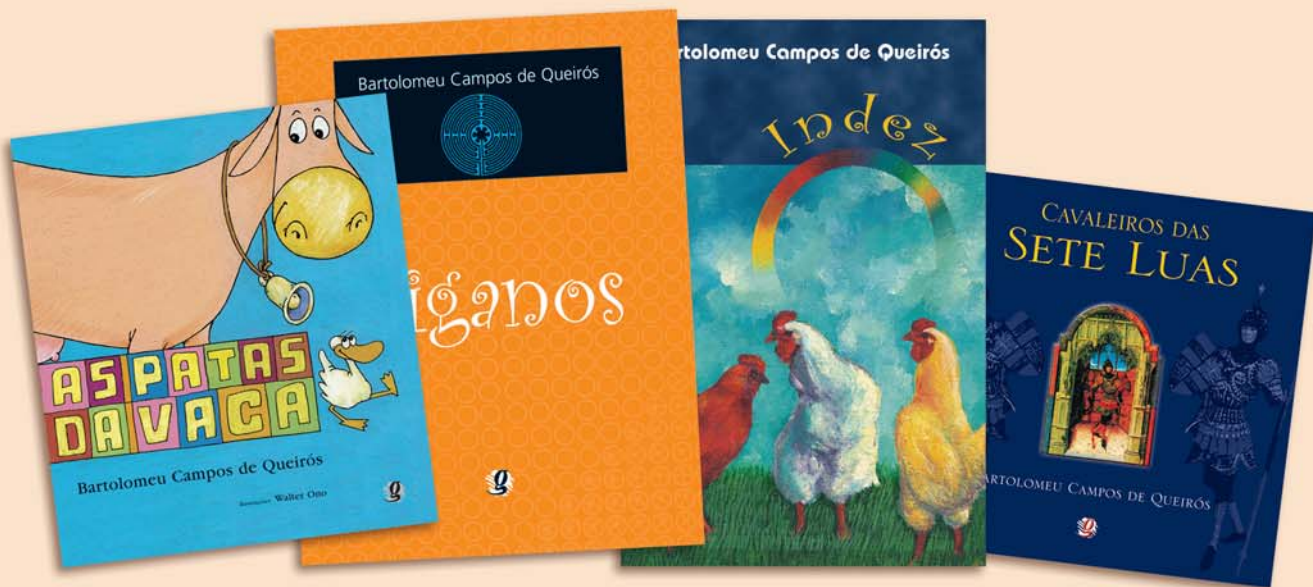
E quando ela pegava no giz branco e passava o ponto, no quadro negro, eu mordida a ponta da língua esforçando-me para imitar a sua escrita. Ela fazia as letras tão bonitas que não me bastava apenas copiar: eu desejava aprender também a sua letra. E como me emocionava aqueles “as” redondinhos, aqueles “emes” como cobrinhas, aqueles “eles” como orelha de coelho espantado.

Em meus momentos de calma eu enchia páginas e outras páginas com seu nome, o nome de minha mãe, de meu pai, de minha escola. Era minha maneira de ter sempre a Dona Maria Campos ao meu lado.

E quando escolhido para passar o ditado no quadro, para os colegas corrigirem o deles, mais eu caprichava na letra.

O difícil era o quadro não ter linha, pois seguir em linha reta, sem estrada, dependia também do olhar. Mas para alegrar a professora toda dificuldade era pouca. Se ela me elogiava eu





baixava a cabeça. Por fora muita vergonha e por dentro um herói.

Nas horas de leitura em voz alta eu não media esforços. Cada menino lia um pedaço. E a professora escolhia alternado. Ninguém sabia sua hora. Eu acompanhava as linhas do livro com o dedo. Cheio de medo e desejo esperava minha vez. Lia devagar cada palavra, obedecendo a pontuação, controlando o fôlego. Dona Maria Campos dizia que nas vírgulas a gente respirava e no ponto final dava uma paradinha.


Mas o melhor era quando ela nos mandava guardar os objetos. A gente fechava o caderno, guardava o lápis e a borracha dentro do estojo e esperava com os braços cruzados sobre a carteira. Assim, ela continuava mais um pedaço da história. Parecia com a Sant'Ana da capela com o livro no colo. Eu não acreditava que podia existir outro céu além da nossa sala de aula.



Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto en-

canto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino.

Eu pedia o livro emprestado, depois que Dona Maria terminava. Levava para casa e brincava de escola com meus irmãos menores.

Assentava com o livro, com pose de professor, e lia para eles. Era difícil guardar tanta beleza só para mim. Não sei se gostavam da leitura ou se imaginavam, um dia, serem alunos da minha escola.

Meu pai, assentado na escada da casa, prestava atenção na minha leitura, de maneira despistada. De noite, antes de dormir, curioso, ele queria que eu adiantasse um pouco mais da história. Mas eu não contava. Sabia que imaginar fazia parte da leitura. 


“ Mas para alegrar a professora toda dificuldade era pouca. Se ela me elogiava eu baixava a cabeça. Por fora muita vergonha e por dentro um herói. ”


Bartolomeu Campos de Queirós é escritor. Recebeu os prêmios Jabuti, APCA, Bienal de São Paulo, Fundação do Livro Infantil e Juvenil entre outros.



A Professora Conceição Cabrini analisa as atividades vivenciadas pelos alunos e os textos produzidos nas oficinas sobre o gênero Memórias, destacando os conceitos históricos presentes

Crianças escutam memórias e aprendem história

Conceição Cabrini*



8

A vida não é
a que a gente viveu,
e sim a que a
gente recorda,
e como recorda
para contá-la.

Gabriel Garcia Márquez –
Viver para contar

lendo os textos de memórias elaborados pelos alunos que participaram do *Prêmio Escrevendo o Futuro* em 2004 nos damos conta de que embora esse projeto tenha como principal objetivo colaborar com os professores no ensino da escrita, ele faz mais do que isso: penetra em outras áreas de conhecimento e constrói conceitos também de História.

Isso acontece principalmente nas oficinas propostas no fascículo *Se bem me lembro* (Kit Itaú de Criação de Texto) em que os alunos aprende-

ram o procedimento de entrevista e, de porte dessa ferramenta, provocaram a memória de idosos. Estes, sentindo-se provocados, evocaram suas experiências e fizeram emergir pessoas, lugares, sons, cheiros que impregnaram suas memórias ao longo da vida. Falaram de sua infância, de como era a vida antigamente, descreveram a cidade onde moraram e aquela na qual residem atualmente, as mudanças ocorridas, compararam o presente ao passado. A partir desses relatos as crianças escreveram



textos como se fossem os entrevistados, tornando-se assim produtores de memórias do lugar onde vivem.

Recolher memórias propiciou aos alunos a oportunidade de compreender que o relato oral é também uma fonte histórica. Eles também foram em busca de outras fontes, procuraram objetos antigos, fotografias, cartas, registros, os quais entenderam e valorizaram como importantes documentos históricos.

Formação do pensamento histórico

Valendo-se desses procedimentos, os alunos puderam localizar fatos significativos e refletir sobre o tempo da vida das pessoas que contaram suas memórias. As entrevistas possibilitaram aos alunos, por exemplo, verificar se a divisão do trabalho, as relações de poder e o modo de vida (participação do homem, da mulher, da criança e dos idosos nas atividades de sobrevivência, os responsáveis pela tomada de decisão na família, assim como a forma de moradia e de religiosidade) mudaram ou permaneceram inalterados na sucessão de gerações. Com isso, tiveram a base para desenvolver as noções imprescindíveis na formação do pensamento histórico: *grupo social, tempo e espaço, dominação e resistência, permanência e mudança, semelhança e diferença*.

Os textos trouxeram reminiscências do passado e os alunos puderam perceber que há práticas antigas ainda comuns em seu cotidiano. Com isso estabeleceram **um elo de ligação entre o passado e o presente** e aprenderam os conceitos de permanência e mudança histórica. Entretanto, as his-

tórias recriadas não são espelhos dos relatos ouvidos: elas indicam as possíveis mudanças permeadas pelas novas experiências do viver cotidiano.


Esses relatos também se tornaram tema de conversa entre as crianças e seus familiares, vizinhos e amigos. Nesses diálogos, puderam perceber que as reminiscências não pertenciam apenas aos entrevistados, mas foram construídas coletivamente no dia-a-dia das pessoas que viviam num mesmo lugar. É por isso que se pode dizer que a memória de um indivíduo é constituída na **memória coletiva**.

Muitas vezes os relatos eram complementados e questionados nas conversas informais e o professor podia chamar a atenção para o fato de que quem relata seleciona uma parte da experiência vivida, dá importância maior a determinados acontecimentos, enquanto outros são esquecidos. Além disso, o narrador, ao recuperar suas lembranças, atribui um novo significado aos acontecimentos, o que possibilita às pessoas construírem uma nova representação dos fatos. Cada ouvinte, por sua vez, traduz essas lembranças em uma nova versão do episódio relatado.

Todos esses aspectos colaboraram para que os alunos

compreendessem que os episódios contados não são os acontecimentos em sua totalidade e colocassem em questão o conceito de “realidade”. Essa reflexão permite apresentar o conceito de verdade na explicação histórica, a qual tem como alimento a memória e seus registros e uma explicação de que a “realidade” é feita de recortes. O discurso histórico é **uma verdade e não a verdade**.

Retomando a frase de Garcia Márquez citada no início deste texto: a realidade é o que contamos dela – **a verdade é sempre uma versão do real**.

E nesse eterno contínuo está a vida, ou seja, a história. 

* Doutora em semiótica e ciência da comunicação. Autora da publicação *Ensino revisão urgente* (EDUC) e de *livros didáticos*.

Para saber mais sobre o tema memória e história

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOSI, Ecléa. *Velhos amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

O ensino de História

No início do século XIX, na França, a História era dominada pela Literatura e pela Filosofia.

A pesquisa histórica estava a cargo dos intelectuais contrários à República, que se preocupavam em contar a sucessão dos reis.

No Brasil a introdução do ensino de História no currículo escolar teve como marco o século XIX após a Independência. Literatura e História a partir de então tornam-se disciplinas independentes, pois a segunda teria como incumbência explicar a formação da nação brasileira que se iniciava em 1822. Em 1837 torna-se disciplina obrigatória, seguindo o modelo francês.



ONDE ESTÁ O FUTURO

Crianças do Brasil

“A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar.”
(Ecléa Bosi)

Com base em entrevistas com gente da própria comunidade, crianças recontam histórias de vida restituindo o diálogo entre passado e presente.

Eles mal passaram dos dez anos de idade. São alunas e alunos de quarta e quinta séries que escreveram textos com histórias e sensações as mais distantes de suas experiências de vida.

Foi durante as oficinas do Programa Escrevendo o Futuro que os alunos participantes entrevistaram pessoas de suas próprias localidades, revelando e mantendo vivas histórias de brasileiros.

As crianças perceberam e selecionaram situações significativas do cotidiano dos entrevistados e das comunidades, trazendo detalhes para a narrativa que passariam despercebidos a um ouvinte desatento. Na voz de cada entrevistado, encontraram a reconstrução de um tempo e o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Meninos e meninas assumiram a posição de pesquisadores e transformaram o que ouviram em narrativas de memórias.

10



Dezoito horas andando na mata

“Na época que cheguei em Feijó, não havia transporte terrestre, apenas os comboios que transportavam borracha e

mercadorias para os seringueiros. Vim a pé, depois de caminhar 18 horas por varadouros cheios de lama e perigo, pois passava próximo às aldeias dos Kaxinawás e os Kalinas.”

Aluno: **Hiago Briner Barroso da Silva**, 11 anos, 4ª série - Cidade: **Feijó - AC**
Entrevistada: **Dolores Fernandes Barroso**, 86 anos



Do trem a liturina

“Na época não tinha carro, era carroça puxada por bois e cavalos; as mercadorias vinham no trem ou na liturina, um veículo que andava nos trilhos.”

Aluno: **Kassiopéia Sousa Coelho**, 11 anos, 5ª série
Cidade: **Guajará-Mirim - RO**
Entrevistada: **Adelaide Leite Carvalho**, 83 anos



Anos Dourados

“Vó Lydia contava que quando mudou para Goiânia, tudo era diferente. As casas, as ruas, as praças. Na avenida Goiás, as

pessoas costumavam ficar sentadas conversando, enquanto esperavam a jardineira (ônibus). Tudo era calmo e as pessoas, mais amigas. Nos finais de semana os pais levavam os filhos para brincar no Jôquei Clube. E nos salões do Grande Hotel realizavam-se as grandes festividades.”

Aluna: **Letícia Aparecida R. Silvério**, 10 anos, 4ª série
Cidade: **Goiânia - GO** Entrevistada: **Lydia Barbosa de Freitas Oliveira**, 80 anos



A arte de fazer carroça

“Aprenti com o amigo Zé, já falecido. Ele usava o tronco do ipê amarelo, uma árvore típica do cerrado, para o

varal da carroça ficar mais firme e mais leve, pois é onde arrea o cavalo. Para o banco usava o pinho, porque segundo ele ‘afafa o banco’.”

Aluno: **Amâncio José de Lima Neto**, 10 anos, 4ª série - Cidade: **Três Lagoas - MS**
Entrevistado: **Manuel José de Souza**, 91 anos

A pé era mais rápido que de trem

“Na Várzea Grande ficavam a antiga estação ferroviária e o ‘rabicho’ – espécie de trilho especial onde o trem manobrava para subir a serra. A demora na subida da serra da Várzea Grande era tanta que algumas pessoas preferiam subir e depois pegar o trem novamente.”

Aluna: **Justine Prinstrap**, 11 anos, 5ª série
Cidade: **Gramado - RS**
Entrevistada: **Selmida Fischer**, 90 anos

Mãos à obra!

- que seus alunos sabem das histórias de vida da comunidade?
- Valorizam a experiência das pessoas mais velhas para conhecerem melhor o lugar onde vivem?
- que as crianças podem descobrir e contar?

Aproveite as orientações propostas no fascículo *Se bem me lembro...* do Kit Itai criação de texto - 2004, para planejar uma viagem “naquele tempo” com sua turma. Depois de reviver as lembranças do passado, convide seus alunos a escreverem as memórias de um dos moradores entrevistados. Professor, escreva-nos contando sua experiência.

mantêm viva nossa memória

Jeri, antes dos turistas

"Lembro-me de tudo como se fosse hoje. Aqui não existia turista, nem eletricidade. À noite fazíamos fogueira para assar peixes e em volta da fogueira cantávamos e ouvíamos dos amigos histórias sobre a lenda da Pedra Furada, do Serrote e da Pedra do Jacaré. Jericoacoara era conhecida como Serrote."

Aluno: Juverlan Araújo Cunha, 11 anos, 5ª série - **Cidade:** Jijoca de Jericoacoara - CE
Entrevistado: Antônio Belarmino de Souza, 83 anos



Ir de cambiteiro para a festa

"A festa de Reis era a mais animada de todas. Vinham pessoas da cidade e dos engenhos, fizinhos a pé, a cavalo ou de cambiteiro – um pequeno trem, que servia para transportar a cana para a usina Criangá."

Aluno: Pedro Severino da Silva, 17 anos, 5ª série
Cidade: Timbaú - PE
Entrevistado: Severino Correia de Souza, 51 anos



Fogão a lenha, café no bule

"Onde eu morava, tinha uma cozinha de madeira, um fogão a lenha com chaminé, sempre frito, com bule de café quentinho sobre a chapa. Que saudades tenho do barulho dos carros de boi passando pelas ruas de terra. Às vezes, tinham carregados do nosso 'ouro verde', o café, que até hoje impera na nossa cidade."

Aluno: Guilherme A. Chagas Silva, 12 anos, 5ª série
Cidade: Itamogi - MG
Entrevistado: Vítor Pedro da Silva, 70 anos



Cinema sem pipoca e com bolo de fubá

"(...) no cinema montado pela família Zampronha, na frente da vendinha de ferragens, não sei o que era melhor, se a tela de pano molhado para não incendiar com o calor do refletor que ficava atrás dela, se o achocolatado e o bolo de fubá servido nos intervalos."

Aluna: Moniele Cristina dos Santos, 11 anos, 5ª série - **Cidade:** Nova Granada - SP
Entrevistado: Cezar Monteiro, 86 anos



Os dengo-dengo de Santa Catarina

"Os habitantes eram, curiosamente, chamados de 'dengo-dengo' porque na igreja matriz tinha um sino que fazia um barulho parecido com dengo-dengo-dengo. Até hoje as pessoas mais antigas nos chamam assim."

Aluna: Isabela Caroline dos Santos, 9 anos, 4ª série - **Cidade:** Navegantes - SC
Entrevistada: Adélia de Souza Fernandes, 89 anos



pecial
conseguir
da da
a que
ir a pé
te."



ª série
nos



DE OLHO NA PRÁTICA

Um dos grandes desafios que o professor enfrenta em sua prática é ajudar seus alunos a escreverem textos de qualidade. O primeiro passo para o êxito desse trabalho é conhecer bem o gênero que se vai ensinar.

Por isso, propomos um desafio: o que você sabe sobre o gênero Memórias?

Memórias versus memória...

1 - O gênero Memórias...

- a - explora o ambiente em que o aluno vive.
- b - traz uma abordagem nostálgica da cidade.
- c - ajuda o indivíduo a planejar mudanças na cidade onde vive.
- d - é um meio de articular o passado ao presente – a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social a que pertence.

2 - Resgatar as lembranças das pessoas mais velhas relacionadas ao lugar onde vivem é muito importante para:

- a - conhecer suas opiniões.
- b - constituir o sentimento de pertencer ao lugar onde vive.
- c - saber com exatidão os acontecimentos ocorridos no lugar.
- d - respeitar todas as informações dos mais velhos.

3 - No trabalho com Memórias, o aluno será colocado no lugar do pesquisador que busca recuperar a memória coletiva de sua cidade, por meio de:

- a - entrevista.
- b - pesquisa de livros.
- c - observação de objetos contemporâneos.
- d - visita aos pontos turísticos da cidade.

4 - Para marcar um “tempo de lembrar”, que é o tempo das memórias, o autor usa:

- a - os verbos no futuro.
- b - os verbos no pretérito perfeito, imperfeito e algumas palavras e expressões.
- c - a descrição do espaço.
- d - a evocação dos sentimentos e impressões.

5 - Os autores evocam emoções, sentimentos e sensações quando discorrem sobre o tempo passado. Esse recurso é utilizado para:

- a - convencer o leitor de sua opinião.
- b - escrever reportagem sobre a cidade.
- c - mobilizar, enredar e atrair o leitor.
- d - revelar os costumes da época.

6 - Ao escreverem memórias, os autores recorrem...

- a - aos recursos de linguagem poética: rimas, aliterações e metáforas.
- b - à ordenação de fatos ao longo do tempo.
- c - à descrição de um acontecimento que presenciaram.
- d - à comparação entre o tempo antigo e o atual, evidenciando as diferenças e mudanças ocorridas.

Confira o resultado na página 21.

ALMANAQUÊS...

No tempo de dantes

Em 1929, um bonde trafega pela rua Catumbi, no bairro do Belém, em São Paulo (SP), quando um elefante fugido de um circo aparece no meio da pista. Para espantar o bicho, o motoneiro aumenta a velocidade e toca forte a campainha. Sentindo-se ameaçado, o elefante mete a tromba no bonde, bate a cabeça na lataria e desmaia. A partir de então a palavra “trombada” passou a ser usada como sinônimo de acidente, colisões.



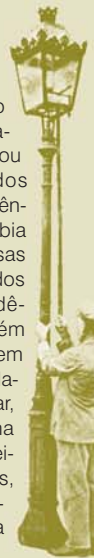
Você conhece palavras, expressões que marcam o tempo passado? Você pode imaginar o que significam? Então dê a “definição” das palavras abaixo. Não vale consultar o dicionário.

Dantes	Oitão
Ramona	Tramela
Coreto	Ceroula
Janota	Anágua
Pracinha	

Resposta na página 21

Faz-se a luz

Até 1829 não havia iluminação de rua em São Paulo. Nesse ano 22 lampiões, alimentados a óleo de peixe ou mamona, são afixados nas paredes das residências mais centrais – cabia aos moradores das casas onde estavam instalados conservá-los e acendê-los. Até então, ninguém saía à noite, a não ser em lua cheia. Quem convidava os amigos para jantar, hábito disseminado na época, marcava a refeição para as cinco horas, porque aos últimos raios de sol o povo tinha de se recolher.



Por o carro na frente dos burros



Em 1872 a Companhia Carris de Ferro inaugurou o primeiro sistema de transporte coletivo de São Paulo (SP): bondes puxados por burros. Esses veículos, quando em declive, desciam a ladeira seguidos pelos burros, enquanto os condutores equilibravam o veículo no breque.

Se bem me lembro...

Fazendo o teste da página 12, você ativou seus conhecimentos sobre o gênero Memórias. É hora de colocá-los em prática. Leia alguns trechos escritos pelos alunos e descubra por que se distanciam dos critérios de avaliação apresentados no fascículo de Memórias do kit Itaú de Criação de Textos.

TEXTO 1

Título: O lugar onde eu moro

“(...) O lugar onde moro é muito legal, a minha vida é só brincar. Quando eu era pequena todo mundo gostava de mim principalmente o meu pai e minha mãe. Agora tenho 10 anos e estou ficando grande, moro com minha família no sítio. Tenho muitos amigos. Gosto de brincar de correr e de jogar bola com eles. (...)”

TEXTO 2

Título: O lugar onde vivo

“(...) Moro numa cidade pequena. Antigamente esse lugar era mais tranquilo e as pessoas não ficavam preocupadas com os assaltos. Todo mundo se conhecia e não tinha violência. As ruas eram de terra e as crianças podiam brincar de amarelinha, mãe-da-rua, pular corda sem medo. Os mais velhos sentem saudade do lugar. (...)”

TEXTO 3

Título: Samambaia do Leste

“(...) Moro em um povoado chamado Samambaia do Leste que foi fundado por um alemão chamado Dr. Alberto Fritz no ano de 1956. Ele foi um batalhador por Samambaia do Leste, criando inclusive a cooperativa Companhia do Café Alto Noroeste (CCAN). Anos depois, em sua homenagem, a cidade passou a se chamar Alberlândia. (...)”

Se você não conseguir recuperar na memória os critérios de avaliação, leia as observações e identifique nos lembretes quais correspondem a cada texto analisado.



relata experiências vivenciadas no presente.



não traz marcas temporais ou expressões que indiquem um passado distante.



foca o relato de uma criança e não evidencia a entrevista com uma pessoa mais velha da comunidade.



foge ao tema, pois não ressalta aspectos do lugar onde vive.



as informações da história da cidade não incluem as experiências vividas por pessoas mais velhas da comunidade.



não traz informações que permitam ao leitor identificar a cidade.



Assemelha-se a um relato histórico.



não traz indícios da realização de entrevista com uma pessoa mais velha.

Confira o resultado na página 21.

Um dedo de prosa

Em sala de aula, antes de propor o trabalho de produção de texto para seus alunos, o professor precisa conhecer bem o gênero e também ter clareza da situação de produção. Para levar a cabo esse trabalho, é preciso que o professor compartilhe-o com sua turma no decorrer das oficinas:

- ✓ Por que estamos escrevendo este texto? Com que finalidade?
- ✓ Para quem vamos escrever? Quem serão nossos leitores?
- ✓ Conhecemos bem o assunto ou precisamos buscar mais informações?
- ✓ Vamos produzir um texto do gênero...

- ✓ Por que esse é o mais adequado ao nosso objetivo?
- ✓ Quais as características próprias desse gênero?
- ✓ Onde o texto vai circular? Em que portador será publicado?

Ao pé da letra

E você, já trabalhou com o gênero Memória com sua turma?

Leu para os alunos textos que contam histórias do passado, organizou exposição de fotos, documentos, objetos antigos? Pesquisou fatos interessantes do lugar? Entrevistou antigos moradores? Criou atividades interessantes? E na hora da escrita, convidou seus alunos a se colocarem no lugar do entrevistado e retomou com eles a situação de produção? Escreva-nos contando sua experiência.



Professoras Onélia e Afria contaram histórias de Campos Novos

Lembranças que viram histórias

Alunos da pequena Campos Novos Paulista encontram a história da cidade nas memórias de antigos moradores, transformando relatos em textos e fortalecendo a identidade com o lugar.

Luiz Henrique Gurgel

A luz acabava às 10 da noite. Pouco antes, um apito soava pela cidade avisando que o gerador seria desligado e tudo ficaria às escuras. As pessoas corriam aos lares para não caminhar na escuridão ou, dependendo da noite, sob a luz do luar. Dentro das casas, velas e lampiões eram acesos e, no terceiro e último sinal, a luz era cortada. Histórias como essas, de décadas passadas, impressionaram as crianças de Campos Novos Paulista, cidade de 5 mil habitantes no extremo oeste do Estado de São Paulo. Alunos de 5ª série da Escola Estadual Professor Theodorico Oliveira entrevistaram antigos moradores, ouviram as histórias e transformaram em textos a memória afetiva da cidade, para participar do *Prêmio Escrevendo o Futuro*.

Antiga estância climática, localizada entre os rios do Peixe e Paranapanema, Campos Novos Paulista viveu seu apo-



Igreja matriz de Campos Novos Paulista



Escola reunida para a leitura dos textos

geu com o Hotel Climático, fechado em 1999, que desde os anos de 1960 atraía visitantes de várias partes do Brasil, motivo de orgulho entre os habitantes da cidade. Até hoje, as lembranças relacionadas ao hotel estão presentes na memória coletiva. Também marca essa memória o antigo ge-

rador que fornecia energia à cidade e que regulava as atividades de seus moradores. Hoje ele se encontra exposto em praça pública, como um marco da história sentimental do lugar, monumento à máquina que iluminava Campos Novos.

Para as entrevistas, tarefas que os alunos deviam realizar em uma das oficinas, foram escolhidas as professoras aposentadas Onélia Magdalena de João, de 79 anos, e Afria Bertoncini Manzano, de 68 anos, que haviam lecionado no Professor Theodorico desde sua fundação.

Também foi entrevistado o atual diretor da escola, o professor Alcir Magdalena Giovani, de 51 anos. “Eu fiquei morrendo de medo de alguma gozação, dos entrevistados se sentirem mal. Mas desde o início tratamos do respeito para com essas pessoas, tanto que os alunos selecionaram as perguntas da turma, fizeram um

roteiro e no dia organizaram um café com bolo e bolacha para os entrevistados”, explicou Silvana Barbosa, professora que estimulou os alunos a participarem do Prêmio. As histórias envolveram os estudantes. Terminadas as questões do roteiro prévio, eles continuaram a perguntar. “Nossa cidade é tão pequena e os pais não contam as histórias para os filhos, eles não conheciam a história de Campos Novos”, queixou-se Silvana. A entrevistada Afria também ficou admirada: “É impressionante o interesse dessas crianças. Parecia que queriam captar no ar as palavras da gente”.

Identidade e memória

Histórias do gerador que fornecia energia elétrica e era desligado à noite; o antigo hotel que recebia muitos turistas, agora abandonado e em ruínas; os namoros escondidos atrás da igreja, entre outras histórias, foram temas dos textos. Antes da redação final, as crianças fizeram um *tour* pela cidade, visitando os pontos citados pelos entrevistados. “Eu mesma não conhecia, nem meus alunos. Nós já tínhamos visto o gerador, mas ninguém havia falado como



Professora Silvana Barbosa

Toda comunidade participa

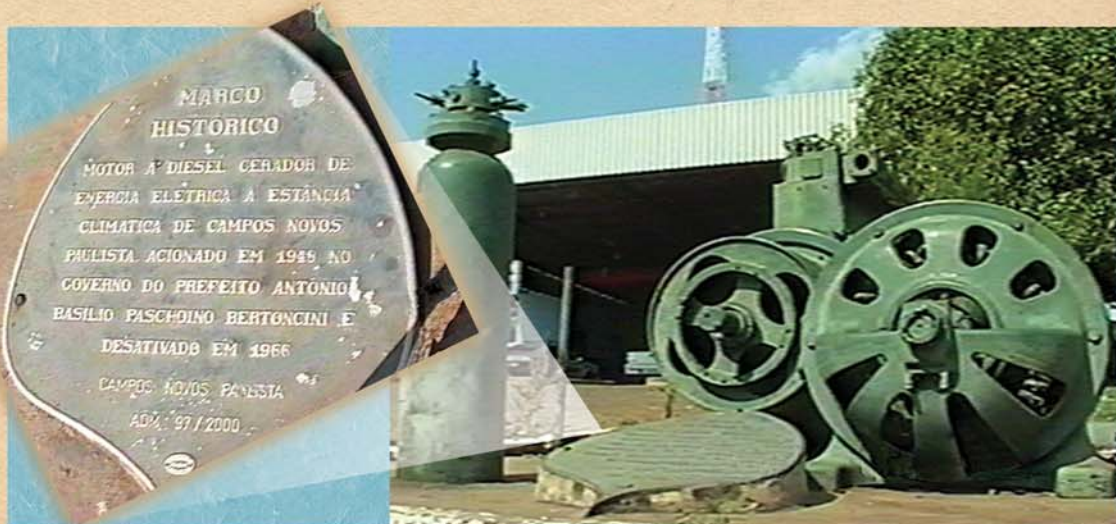
Ao decidir participar do Prêmio, a professora Silvana Barbosa, envolveu seus alunos, as famílias, a escola e outras pessoas da comunidade em um projeto de leitura e escrita, no qual os alunos deveriam fazer várias oficinas até chegar à produção do texto final. Ela não imaginava mobilizar tanta gente. “Quando falei sobre o prêmio e contei todo o processo, os pais já ficaram animados”. Em uma das primeiras oficinas, a professora pediu fotos e objetos relacionados à história de Campos Novos Paulista e às lembranças das pessoas entrevistadas. Os alunos se mobilizaram e, além de fotos, trouxeram utensílios e instrumentos de trabalho: peneiras de fibras trançadas, enxadas, arados, máquinas de costura, ferros de passar roupa à brasa, caldeirões e até uma máquina para debulhar milho.

O apoio foi tanto que a turma decidiu montar uma exposição na escola.

funcionava”, disse Silvana, sobre o gerador que operou até 1961. O hotel também despertou curiosidade: “as crianças queriam saber como funcionava, por que as pessoas vinham para cá”. A mobilização de todos para conhecer o passado local contribuiu para a valorização da história e da memória da cidade e para a construção da identidade cidadã dos alunos.

No final do projeto, durante a escolha do texto que seria enviado ao Prêmio, a escola fez festa e reuniu pais, alunos, professores e depoentes para uma audição coletiva. O resultado final surpreendeu a professora: “Foi importante poder trabalhar com eles dessa forma, poder conversar com cada um, conviver com eles fora da sala. Isso me ajudou, porque mesmo aqueles alunos que não escreviam nada no final das oficinas estavam escrevendo. Eu achava que não ia conseguir. No final, eles vinham, conversavam, falavam de si mesmos. Isso os ajudou a se soltarem.”

As antigas novidades, não imaginadas pelas crianças, reforçaram os laços com a comunidade e sua história. Para a entrevistada Onélia, “a memória de Campos Novos passou a fazer parte da vida delas”.



Gerador que fornecia luz à cidade. No detalhe, placa do “marco histórico”

Superando obstáculos

Com poucos recursos e muita força de vontade, professora do Pará conta como envolveu e motivou seus alunos a pesquisarem e produzirem textos de memórias.

Maria do Socorro Braga Reis*

Quando li na revista Nova Escola o quadro que falava do Prêmio Escrevendo o Futuro, fiquei interessada em participar. Queria encontrar respostas para reverter a situação de minha turma de 5ª série: um grupo de alunos com inúmeras dificuldades em leitura e produção de texto.

Contei aos alunos que havia feito a inscrição no Prêmio Escrevendo o Futuro. Mostrei o material e expliquei à turma cada gênero textual. Depois de uma longa conversa, optamos por “memórias”. Propus a primeira oficina. Começava assim um novo jeito de trabalhar. Mesmo com novos alunos chegando e outros faltando (para ajudar os pais na roça ou na maré) as oficinas iam fluindo. Eu insistia para que não faltassem.

Pedi aos alunos que escolhessem um dos depoimentos colhidos na pesquisa e, com base nesses dados, se colocassem no lugar do entrevistado e escrevessem o primeiro texto de memórias.

Dando continuidade ao trabalho, lemos o texto da Zélia Gattai (solicitei ajuda de algumas pessoas para reproduzir os textos que foram entregues aos alunos). Também estudamos, nos textos de memória – os que estão ao final do fascículo *Se bem me lembro...* – o uso dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito e as expressões que indicam o tempo e a comparação entre acontecimentos do passado e do presente.

Contei à turma que há outras formas de registrar as memórias. Perguntei se assistiram ao filme Titanic, cujo roteiro foi elaborado a partir do relato de memórias de uma velha senhora. Como os



Dona Faustina da Silva Rosário, 71 anos.



“Faustinhas” escrevendo suas memórias.

alunos desconheciam a história e a escola não dispunha de vídeo, levei-os até minha casa, para uma sessão de cinema improvisada.


E assim foram acontecendo as oficinas. Mimeografei algumas dicas com o objetivo de prepa-

rar o grupo para a entrevista. Sem recursos para as gravações, dividi com os alunos a responsabilidade de anotar as respostas dos entrevistados.

Colher as memórias não foi fácil, pois as pessoas escolhidas pelo grupo não queriam se deslocar até a escola. Depois de algum esforço conseguimos entrevistar três pessoas: o Sr. Nestor Gato, de 73 anos, a Sra. Joana Mecena, de 65 anos, e a Sra. Faustina, de 71 anos.

O primeiro entrevistado – Sr. Nestor Gato – brincava muito, contava piadas, não era o que queríamos. Dona Joana só contava fatos do presente, embora houvesse bastante insistência por parte das crianças. Já Dona Faustina (Tia Fausta como é conhecida) nos contagiou desde o primeiro momento, quando começou a falar do bairro de Nova Olinda.

De volta à sala de aula, organizamos todas as informações. Pedi aos alunos que se colocassem no lugar da entrevistada e assim todos viraram “Faustinhas”, escrevendo suas memórias.

Passei o domingo corrigindo os textos. Notei que alguns ainda apresentavam dificuldades em empregar os tempos verbais. Fiz as intervenções necessárias e, na seqüência das oficinas, fui percebendo o avanço dos alunos (participando mais das aulas, se colocando no lugar de pesquisadores, assumindo a preocupação de revisar até mesmo os pequenos textos). Na atividade final de reescrita do texto, constatei o quanto eles aprenderam. 

* Semifinalista em 2004, Augusto Corrêa, PA.


PARA O ÊXITO DESTES TRABALHOS,
A PROFª MARIA DO SOCORRO NÃO SE INTIMIDOU:
BUSCOU SAÍDAS E SUPEROU MUITOS OBSTÁCULOS. TANTA
DEDICAÇÃO TROUXE RESULTADO: O TEXTO DE SUA ALUNA
ROSEANE PINHEIRO DO ROSÁRIO FOI SELECIONADO
ENTRE OS SEMIFINALISTAS EM 2004.



Análise do texto

Lebranças de um tempo e lugar, de acontecimentos testemunhados pela entrevistada Dona Fausta e recriados pela aluna Roseane em “Ontem alegria, hoje solidão.”

Fazemos dois convites: o primeiro a ler e se emocionar com a narrativa e, depois, a acompanhar a análise detalhada do texto.



Ontem alegria, hoje solidão

Naqueles tempos a vida passava devagar, era um sossego, tudo era tranqüilo, tínhamos a alegria, aliás alegria era comum. Levantávamos cedo para encher água na cabeceira, depois íamos lavar as roupas e tomar banho no rio.

O carro não vinha até aqui, ficava na parada Zé Castor. Para ir até Bragança ou tinha que andar muito ou ir a pano (canoa) atravessar as maresias.

Notícias eram tão distantes de nós, a não ser as do povoado: uma mulher que paria, uma moça que fugia. Os anos passavam devagar e nós aproveitávamos o luar, as brincadeiras de roda, lembranças do bombaqueiro, sapatinho branco, brincadeira do anel, tudo girava em torno da alegria.

A comida era farta, muito peixe, caranguejo, ostra, siri. Podíamos escolher do tamanho desejado. A vida corria livre, sem grandes barulhos, a não ser os músicos do Sereno, que nos faziam correr pulando numa grande dança.

A maré enchia, a maré vazava e nós sempre tomando banho no rio, às vezes ouvíamos um ralho, um cipó que teimava em nos marcar.

Como era simples viver sem correrias, ouvindo os pássaros, os gritos da Matinta-Pereira. Os grandes morcegos rasga-mortalha faziam-nos tremer de medo nas noites escuras.

Em Nova Olinda era assim. Hoje com a chegada do ônibus as coisas não são as mesmas, a energia elétrica transformou as pessoas, nem se brinca mais, todos assistem à televisão, é uma correria das motos e os meninos estão cada vez mais malcriados. A alegria deu lugar à solidão. Somos ainda uma comunidade pequena, no entanto existem tantas mudanças que parece que o tempo é outro. Não se conversa mais, todos estão ocupados demais em suas casas. Da minha porta sentada fico pensando, por que tantas mudanças? Isso era para ser exclusividade dos camaleões. Sem netos para alegrar os meus dias, sinto-me cada vez mais só, solitária com as minhas lembranças.

Roseane Pinheiro do Rosário, 11 anos, 5ª série, semifinalista em 2004.
E.M. André Alves, Augusto Correa (PA)

O título sugestivo convida à leitura.

Expressões e verbos no pretérito imperfeito marcam o tempo passado, tempo de lembrar.

Adjetivos e advérbios enriquecem a descrição.

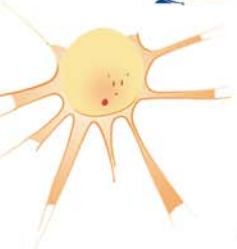
O autor evoca emoções e sentimentos do tempo vivido, que envolvem o leitor.

A comparação do tempo antigo com o atual evidencia diferenças e mudanças ocorridas no lugar.

Experiências relatadas na primeira pessoa do plural mostram o sentimento de pertença à comunidade. A primeira pessoa do singular traz a voz e marca a história pessoal do entrevistado.



HISTÓRIA DE ALMANAQUE



Foi assim...

Era uma manhã fria do mês de agosto. Abri a janela do meu quarto e olhei para uma quaresmeira da praça. Lembrei-me da minha infância, quando havia muitos prédios que com o passar do tempo foram demolidos. Não ouvíamos músicas pela televisão, nem pelo rádio. Havia um coreto no largo da praça onde, aos sábados e domingos, lindas músicas eram tocadas. Os casais iam lá "trocar olhares" (naquela época era namorar). Quantos olhares troquei. Os ciprestes da praça eram cortados em formato de instrumentos musicais. Havia um canteiro de flores com as iniciais J.S., do Prefeito José Sureti e com o nome da cidade Nova Resende, destruído pela rivalidade política. Aranhas e Caranguejos eram partidos políticos rivais da época. Um banquinho era o símbolo da vitória política: quando colocado do lado de cima da praça, vitória dos Aranhas; do lado de baixo, vitória dos Caranguejos.

Recordo-me do dia da inauguração da luz. Era uma manhã ensolarada. Um morador antigo, o Quincas Neto, ficou encarregado de hospedar em sua casa a banda da Ventania, vinda da cidade vizinha com o mesmo nome.

A banda executava as canções, quando os políticos da situação, os Aranhas, resolveram subir até a rua dos políticos derrotados, os Caranguejos, para a inauguração da Casa da Luz.

Naquela época a cidade era dividida mais ou menos ao meio: da casa do senhor Rosendo Gonçalves de Rezende para cima, eram eleitores e políticos dos Caranguejos. Dali para baixo, dos Aranhas.

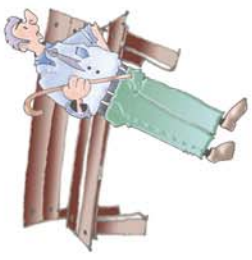
Recordo-me como se fosse hoje, apesar de esse fato ter ocorrido há mais ou menos 75 anos. A banda, junto com os Aranhas, percorria um pequeno trajeto até a Casa da Luz. Quando iam se aproximando, a banda foi interrompida por um grito do senhor João Gaspar (caranguejo) que estava acompanhado por outros amigos.

— Daqui para cima não passam!

Nesta hora o senhor Tonico Araújo respondeu:

— A banda da Ventania não passa, mas eu passo!

Dona Zota, uma moradora da cidade, vendo a confusão, tentou impedir. Quando o primeiro tiro foi disparado, acertou a perna dela.





As pessoas tentavam se salvar como podiam: mães protegendo seus filhos, pessoas gritando, músicos se enroscando nos instrumentos. O tocador de bumbo tinha dificuldade para correr com seu instrumento. Naquele desespero, falou aos berros:

– Desgraçado, vai para um lado, que eu vou para o outro.

O bumbo rolou rua abaixo, como se atendesse às ordens do dono. Papai nos colocou para dentro de casa e eu escutava o zumbido das balas.

De repente, o sino da igreja Matriz soou e voltei aos dias atuais. Tenho 84 anos e faço um pedido: zelem por essa praça que foi e sempre será a sala de visitas de nossa querida Nova Resende.



Beatriz Cristina B. Cardoso tem 10 anos e participou do Programa Escrevendo o Futuro em 2004, sendo orientada por sua professora Eneida Evangelista Silva Pereira na 4ª série da E.E. Padre Luiz Moreno, em Nova Resende – MG. Seu texto foi escrito a partir da entrevista com dona Edite Sales, de 84 anos e moradora à praça Santa Rita, em Nova Resende.

19

O QUE VEM POR AÍ

Capacitação de professores

Já começaram as ações de formação presencial de professores e técnicos das secretarias estaduais de educação para o *Programa Escrevendo o Futuro*. Ceará e Pernambuco foram os primeiros Estados a realizar os cursos, ocorridos na primeira quinzena de junho. Em agosto, acontecem ações em Santa Catarina, Pará e Goiás. Capacitações em outros Estados também estão sendo programadas. No mês de setembro ocorrem encontros de avaliação no Ceará e Pernambuco com os professores que participaram da ação em junho. O site na internet da *Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro* traz notícias atualizadas com as datas, locais e informações sobre as ações de formação.

Virtualmente unidos

Na segunda quinzena de agosto entra no ar a *Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro*, nova frente de comunicação na internet com professores do Brasil. Podem se cadastrar todos que participaram do *Programa Escrevendo o Futuro*. Troca de experiências, planejamento de ações para o dia-a-dia da sala de aula; bate-papo em tempo real com professores de todo o país; acesso a textos, informações e links sobre práticas de ensino da Língua Portuguesa; notícias sobre projetos e eventos educacionais; indicações de livros e filmes estarão disponíveis 24 horas por dia. O endereço é www.escrevendoofuturo.org.br

Mais uma conquista: Top Social ADVB – 2005

O *Programa Escrevendo o Futuro*, iniciativa da Fundação Itaú Social, recebeu em 22 de junho o Prêmio Top Social – 2005 da ADVB (Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil).

Dos 232 projetos inscritos, 31 foram premiados. Essa premiação reconhece e divulga práticas de ações socialmente responsáveis desenvolvidas pelas organizações do terceiro setor.



Texto vencedor do prêmio *Escrevendo o Futuro* em 2004



PROGRAMA
Escrevendo o futuro
Itaú
uma iniciativa da Fundação Itaú Social

Da lamparina à energia elétrica

O sítio da vovó Valdenice fica em São João de Itacema, num lugar muito bonito e, o melhor de tudo, é que é pertinho da cidade. É para lá que eu vou aos finais de semana. No sábado passado, eu resolvi ir ao sítio à noite. Eu já tinha atravessado a porteira quando, de repente, a luz se apagou..., mas pernas pra te quero! Ao perceber que eu tinha medo de escuro, vovó caiu na risada e resolveu me contar sobre a sua infância, onde apenas uma lamparina e a lua brilhante iluminavam a singela casa de pau-a-pique onde morava com sua família. "O escuro não me amedrontava, só incomodava um pouco na hora de ir na privada que ficava afastada da casa: eu tinha receio de cair no buraco."

Eu nasci e fui criada na nossa pequena e sossegada São João de Itacema, mais precisamente onde o Judas perdeu as botas, na calorosa região Noroeste do Estado de São Paulo. Antigamente, nossa cidade era conhecida como os "Os Poços", devido aos boiadeiros que aqui passavam para abastecerem-se de água e refrescarem-se do calor do sertão agreste.

Na vila, a criançada só cuidava de duas coisas: brincar e aprender. Eu nunca mais consegui me esquecer do dia em que a ranzinza da professora me colocou ajoelhada em cima dos grãos de milho e me deu dois tapas na orelha. Que dureza era estudar naquela época!

Nas ruas de terra esburacadas eu me sentia livre e feliz. Divertia-me jogando terra em quem passava, depois caía na gargalhada. Como naqueles tempos todo mundo era amigo de todo mundo, as caras feias eram raras. Quando eu sentia o cheiro bom da comida feita por mamães no fogão à lenha, ia correndo para casa encher a barriga. Que delícia!

O tempo foi passando devagar, pois aqui até o vento sopra lentamente... A vila foi virando cidade e as casas de pau-a-pique foram sendo derrubadas e substituídas pelas de tijolos. Os moradores faziam mutirão para ajudar. Em 1966, eu já estava com meus doze anos, quando a cidade acordou diferente: para meu espanto e de toda população a energia elétrica havia chegado! Foi um alvoroço, era o fim das lamparinas! Mais do que depressa o meu pai Ezequiel fechou a barbearia e foi o primeiro morador da cidade a ir até Fernandópolis comprar um liquidificador e uma televisão. A casa dos meus pais tornou-se a novidade do momento e ficou movimentadíssima: toda hora os vizinhos queriam usar o liquidificador para bater sucos e assistir à televisão.

A danada da televisão era em branco e preto e só pegava um único canal. Quando ela resolvia sair do ar o pessoal ficava vendo listras por um tempão, nem colocar bombil na antena resolvia. Meu pai faleceu bem velhinho e em homenagem ao morador antigo, o nome Ezequiel Pinto Cabral foi colocado na rua onde eu passei a minha infância, bem em frente à praça da igreja matriz. "Encho-me de saudade toda vez que passo por essa rua".

Após abrir o seu coração vovó emocionada me disse:

"É, minha neta. Apesar de ser do tempo da lamparina, eu jamais poderia esquecer as recordações que ficaram na minha mente até hoje".

Nós sorrimos e ficamos abraçadas por um longo tempo. Desde então, perdi o medo do escuro e percebi que apesar da minha cidade ser simples e pequena no tamanho, com seus um mil oitocentos e cinqüenta habitantes, ela é grande no meu coração e inesquecível na mente dos moradores.

Texto escrito por Tarine Silva Ribeiro, de 10 anos, aluna da 4ª série da E.E. Professora Joanita B.B. Carvalho, São João de Itacema (SP), a partir de entrevista com Valdenice Cabral Minales Satin, de 51 anos.

A LUA BRILHANTE ILUMINAVA A SINGELA CASA DE PAU-A PIQUE



A alma do negócio desde 1500

Há quem diga que o primeiro anúncio feito no país foi escrito por Pero Vaz de Caminha em 1500. Sem utilizar imagens, a carta que enviou ao rei de Portugal exaltava as qualidades de nossa terra – águas, florestas e animais sem fim –, omitindo desvantagens: os donos da terra não queriam entregar o patrimônio e, ainda por cima, boa parte deles era de canibais. Mas a propaganda funcionou e os portugueses resolveram ocupar o Brasil.

Do mero anúncio à moderna propaganda que seduz consumidores, dita modas, costumes e idéias, a publicidade brasileira é considerada uma das melhores do mundo. Na ponta do lápis selecionou alguns anúncios, reclames e propagandas que apresentam a evolução desse tipo de comunicação no Brasil.



Em 1865, a Vição Rio Grande apresentava seus serviços com o desenho de uma bela e confortável carruagem para atravessar a serra entre São Paulo e Santos, no litoral.



Do final do século 19 até as primeiras décadas do 20, farmácia ainda se escrevia com “ph” e os remédios eram preparados no próprio estabelecimento.

RESPOSTAS

CARTA ENIGMÁTICA (p.4)

Nosso passado é nossa história. (Borges)

MEMÓRIAS VERSUS MEMÓRIA... (p.12)

Resposta: 1-d, 2-b, 3-a, 4-b, 5-c, 6-d

PÁG. 13:

Texto 1 –

Texto 2 –

Texto 3 –

ALMANAQUÉS (p.12)

DANTES: antes, antigamente.

RAMONA: marca de grampo para prender cabelos.

CORETO: pavilhão erigido em praças ou jardins públicos, para concertos musicais.

JANOTA: pessoa bem vestida, elegante.

PRACINHA: soldado da Força Expedicionária Brasileira que lutou na Itália na II Guerra Mundial.

OITÃO: alvenaria, construção.

TRAMELA: peça que gira ao redor de um prego para fechar porta, porteira.

CEROULA: tipo de cueca.

ANÁGUA: espécie de saia íntima que as mulheres usavam sob o vestido.



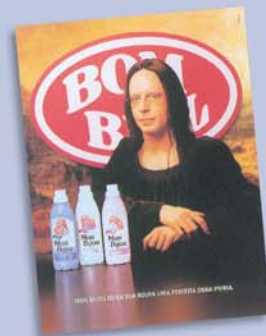
Em 1919, a máquina de escrever era equipamento de última geração nos escritórios. No Brasil, até o começo da década de 1990 ainda eram comuns. A revolução causada pelo computador as transformou, do dia para a noite, em peças de museu. Crianças de uma escola paulistana que viram uma máquina de escrever elétrica recostada num canto da secretária espantaram-se com a novidade: “Veja, um computador sem tela que já vem com impressora”.



No início do rádio no Brasil, os programas eram de qualquer anunciante. Na década de 1930, no Programa de Ademar de Faria, o compositor Nássara bolou texto para um laboratório farmacêutico. O locutor, de voz empostada, apresentava o reclame: “Um casal de noivos brigou. E ele, arrependido, quis fazer as pazes e se aconselhou com a sogra, pois a noiva estava irredutível. Sugerido um presente, comprou-lhe jóia caríssima. Não fez efeito. Deu-lhe um casaco de peles. Não fez efeito. Então, lembrou-se de dar a ela um vidro de Manon Purgativo... Ahhh! Fez efeito!!! Manon Purgativo, à venda em todas as farmácias e drogarias”.



Nos anos de 1940, enquanto boa parte do mundo estava em guerra, a propaganda ajudava a criar hábitos novos como o uso de creme dental.



O ator Carlos Moreno é recordista mundial: primeiro garoto-propaganda do planeta a trabalhar para uma mesma marca durante vinte e cinco anos seguidos, entre o final dos anos de 1970 até a década de 1990.



Em tempos de ditadura militar (1972), a propaganda não podia ficar atrás: usava imagens e slogans que agradavam ao regime político.

AÇÕES DE FUTURO

Em 2005, o *Programa Escrevendo o Futuro* amplia as atividades de formação para profissionais de educação.



Comunidade Virtual

Portal na internet exclusivo para os 25 mil professores de todo o Brasil que participam do programa. Além das informações e dicas sobre o ensino da língua, educadores poderão conversar e trocar experiências em tempo real.

Almanaque Na ponta do lápis



Um almanaque com informações sobre o programa, gêneros de textos trabalhados com os estudantes, análise de especialistas e entrevistas.

Formação de Educadores



Programa de oficinas e cursos ministrados pelo Brasil por formadores do Cenpec, em parceria com as secretarias estaduais de educação, sobre o ensino de língua portuguesa com gêneros de textos.

Informe-se pelo telefone: 0800 – 7719310

Ou acesse as páginas

www.fundacaoitausocial.org.br

www.cenpec.org.br

Iniciativa



Apoio

Ministério de Educação

Conselho Nacional de Secretarias de Educação

Parceria



Realização

